

Gaiato

PORTE
PAGO

Quinzenário * 25 de Abril de 1987 * Ano XLIV — N.º 1125 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Autoconstrução

O «Passarela» bateu à porta do escritório, abriu, entrou e fez-me saber que uma senhora estava à espera e queria falar-me. Admiro o cuidado destes pequenos. Dantes, não eram assim. Aqui não há acepção de pessoas. Quem chega tem os mesmos direitos. Deve ser atendido como se fosse o personagem mais importante. É a lição que tiro deste gesto tão simples. Vem o pobre buscar e vem o pobre trazer: — **Está ali uma senhora que lhe quer falar.**

Escutei. Em tempos, foi uma criada de servir. Agora, é mãe de cinco filhos. Vinha acompanhada do mais velho, que anda nos 12 anos. Que pena eu tenho de ele não continuar a estudar!

Na saqueta trazia uns papéis. — **Ando a fazer a minha casa; está com a placa, há três anos, mas agora quero cobri-la e preciso do dinheiro para a telha.**

E continua: — **Eu sei que a Casa do Gaiato costuma ajudar. E fomos conversando. — Meu marido é pedreiro. Não ganha muito, mas tem saúde e, com a ajuda de outros companheiros, levantou as**

paredes, pôs a placa e metemo-nos lá dentro.

Agora quer o telhado. Foram acauteladas as divisões necessárias. E tirou o papel com a planta da casa para que visse. Digo mais: para que pudesse alegrar-me, tal a confiança com que ela ia contando. Vou levar-lhe o telhado.

Está aqui, em parte, a solução do problema da habitação, sobretudo das zonas rurais. Quem dera que os municípios adquirissem parcelas de terreno; urbanisassem as mesmas e as pusessem à disposição dos Pobres a preços acessíveis para as suas forças. Os Autoconstrutores fariam o resto. E os milagres aconteceriam. Quem dera que os municípios criassem um departamento com um ou mais funcionários só para atender estas mulheres e estes homens que querem construir a sua casa em regime de Autoconstrução.

Da nossa parte, continuamos a ser os recolheiros das telhas confiadas ao cuidado dos Pequenos auxílios do Património dos Pobres.

Padre Manuel António

AQUI LISBOA!

«Eu quero que os senhores me digam de que vale ao homem a vida, se ele a leva a cuidar de si sem jamais se importar ou reparar nas necessidades dos Outros. Naquela hora, muitos queriam recomeçar, mas não podem. É tarde. Não souberam trabalhar enquanto dia. Agora é noite.» (Pai Américo)

Lemos que uma certa senhora, ao falar na Televisão, afirmou ser preciso terminar com a caridade. Claro que, quem assim opinou, não percebeu ainda o que é a Caridade, aquela virtude Teológica a que se refere S. Paulo na primeira carta aos Coríntios, «que nunca acabará». Presumimos muita confusão ou desconhecimento de que a Caridade supõe ou exige a Justiça. Adiante.

Recebemos, com frequência, cartas de pessoas doentes ou idosas, vivendo sozinhas ou em lares, lamentando o isolamento a que estão votadas, apesar de não terem falta de recursos materiais e de possuírem, não raro, familiares próximos. «Quem me dera sentir junto de mim um pouco de calor humano...! A solidão

leva-nos a pensar mais na doença!» É assim que se exprime uma veneranda senhora em carta recebida, há dias, que se dispõe a dar gratuitamente alojamento, água e luz e a «pagar algum trabalhinho que fosse necessário fazer no que respeita à limpeza».

Estamos perante um problema candente dos nossos tempos. Os idosos e os doentes não têm lugar na sociedade materializada em que vivemos. São alijados, por assim dizer, pela borda fora do barco da vida social, em que só contam os números ou cifrões.

Já nos lembramos se demos conta nestas colunas dum acontecimento, assaz chocante, passado nas nossas andanças de padre da rua. Alguém, que recordamos com respeito e saudade, após duas ou três trombozes foi internado num

lar sofisticado da Capital. A pulso, mas não esquecendo as suas responsabilidades sociais, proporcionara aos seus descendentes formação escolar e os meios materiais indispensáveis, muito acima do comum dos mortais. Quando solicitámos a um dos seus familiares mais chegados a direcção do lar em que se encontrava o nosso Amigo, foi-nos tal recusada com o argumento de que ele não falava nem conhecia ninguém; que não valia a pena. Retorquimos, indignados, que não era isso o que nos importava, mas sim visitar quem nos era querido, por imperativo da Justiça e exigências de Caridade. Nem assim! Entretanto, retirando o telefone, logo se combinavam forças de estalo...

Cont. na 4.ª pág.

SETÚBAL

Tenho de escrever para o jornal e não sei por onde começar!

A minha volta há um barulho ensurdecedor dos mais pequenos da escola primária que gozam o seu recreio.

A manhã foi de chuva e este intervalo do almoço ao sol, sabe-lhes a torrões de açúcar!

O «gralhar» deles mistura-se com o chilrear dos passarinhos e o envolvente perfume das tangerineiras em flor.

Uns jogam ao bugalho, outros à apanhada; e outros, ainda, rodopiam nas ruas, guiando pneus velhos com dois paus fazendo de arcos.

É a vida de uma Casa do Gaiato a estas horas e em dias destes!...

Eu tenho assunto. É escaldante o tema. Nasceu num prostíbulo.

Trouxe três crianças, há dias, deste lugar degradante.

Setúbal é uma cidade plena deste ramo de negócio!

A gente passa na rua e não vê nada. Tudo está escondido como convém.

Quando começamos a subir as escadas, nas ruas estreitas e antigas ou nas avenidas largas e modernas, um mundo negro se nos depara.

Hoje tudo é disfarce. Pensão é um nome aceitável. Também há pensões sérias, graças a Deus. Mas... nem todas.

Mais nomes poderia eu citar. Não quero porque, felizmente, há honrosas excepções. Por dentro, não são outra coisa que prostíbulos disfarçados. Há as «arranjadeiras» — gente de cara lavada e coração podre. Conheço casos em que recebem tanto como as que fazem o «serviço».

Uma das crianças — uma menina esplendorosa, de dois anos e meio — que nunca vir no quarto de janela sem vidros, tapada com cartões, levei-a a um casal que a vai adoptar legalmente, e já a adoptou veementemente no seu amor. O pai adoptivo expres-

Cont. na 3.ª pág.



Na região do Vale do Sousa, as primeiras moradias do Património dos Pobres, na década de 50, — eis uma delas, tão bela, qual resquício da civilização do granito! — hoje como ontem abrigo dos sem abrigo, motivaram os pedreiros (que as levantaram) a construir ou reparar as suas próprias moradias! Outro ovo de Colombo — a Autoconstrução — que tem resolvido, ao longo das três últimas décadas, parte das carências habitacionais no interior do País; sabe Deus com que dificuldades, pois ainda não se deu fê, na generalidade, a nível autárquico, das suas potencialidades...!

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É um casal jovem com quatro filhos à roda da saia da mãe. — *O meu home está doente... Durante a noite dá murros na cama! Está muito doente e já foi à hospital. A mulher faz um diagnóstico: — Foi despedido... e ficou assim!* Procuramos saber causas remotas e acrescenta:

— (...) Não recebíamos abono de família nem nada! Não podíamos viver assim. Até q'um dia mandaram-no embora!

Infelizmente, estes casos acontecem. Consequências: Recentemente, a mulher dá à luz outro bebé. Tem o peito seco e carece de leite — «q'os outros já são grandinhos e bebem café...» — disse. Somos — ainda hoje — um dos países da Europa com menor capitação leiteira!

Mais: A senhora tuberculose instalou-se. Doença da fome!

Não deixa de ser curioso referir, atendendo ao País que somos, que especialistas de nomeada contestem, agora, a falta de sanatórios e a primazia ao tratamento ambulatório.

O vicentino já bateu à porta do merceiro; e do lavrador mais próximo, por leite para o agregado. Não importa quanto nem como. Importa, sim, matar a fome e sustentar o avanço do mal.

PARTILHA — Um cheque do assinante 33706. Presenças habituais de Vilares (Vila Franca das Naves). Rua Luis Woodhouse, Porto, 1.000\$. «Pequenina oferta» de duas irmãs, de Guimarães. O costume do assinante 11902 — com a Amizade de sempre. Vultoso cheque dum sacerdote — da diocese bracarense — com muita discreção e sentido de Igreja. Outro, idem, dum leigo tripeiro: assinante 11676. Mais outro, ainda, de *Manuel de Braga*, para «as nossas irmãs Viúvas» — e um alerta: «Levem todas as pessoas que lêem O GAIATO a apaixonar-se por esta causa das Viúvas». Quem tiver ouvidos de ouvir que ouça.

Assinante 8632, 2.500\$00. Dez e mais dez rands, de Umbilo, Durban, África do Sul. Assinante 27063, mil escudos. «Por alma de Germano» e «por alma dos Pais» duma Amiga que nos visita assiduamente: 3.000\$. A assinante 19177 persevera com o Fogo da primeira hora! Graças a Deus.

Agora, um companheiro da antiga Escola Mouzinho da Silveira (Porto), com sua oferta habitual. Um vale postal, da assinante 36526, para «a Viúva mais pobre da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Cumprimos o anonimato cristão.

Cinco contos e mais dois do assinante 23618, da Capital. Quinhentos, da assinante 31486. Três mil, da assinante 13320, do Porto. Mais 2.100\$, de «três Amigas d'O GAIATO», residentes na Maia, para uma Viúva.

«Avó de Sintra», d'alma jovem, manda um cheque retirado da sua

pensão e, com o Fogo que Deus lhe transmite, pede «perdão por não ter a coragem de fazer mais economias»!!

Mais um cheque do assinante 27856. Outro, da assinante 24851 que recorta uma das notas deste cantinho para melhor situar a oferta. «Uma portuense qualquer» com a «miguilinha» mensal, emoldurando Mensagem oportuna. Dois mil, entregues no Lar do Gaiato, do Porto. A generosidade, sem medida, da assinante 31104, com várias intenções — e como vem «fazendo sem interrupção». A perseverança dos justos!

Um vale de correio da assinante 27063, de Cacém, para um caso referido nesta coluna. Outro sacerdote, da diocese de Lamego, que ora acabou «de ler n'O GAIATO uma necessidade urgente da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», manda um cheque «para ajudar a resolvê-la». A Igreja debruçada nos Pobres!

Assinante 28966: «Mil escudos, oferta de minha filha, para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e o destino que acharem melhor». Assim, faz o Bem — bem feito! «Maria de Portugal», e-la com «novo mês, nova migalha para os Pobres». Perseverança!

A. B. S., na Alemanha Federal, aparece de vez em quando — sempre com oportunidade. Resto de contas, da assinante 23696. A partilha mensal, por vale de correio, de «uma assinante de Paço de Arcos» — com «saudações fraternas». Outra «miguilinha», da assinante 12313, de Paço de Arcos: 900\$00. Mil escudos da Praceta António Correia de Carvalho — Vila Nova de Gaia.

Votos de santa Páscoa e muito obrigado em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

TIPOGRAFIA — Continuam as obras do novo edifício da tipografia. Ainda só está o terreno aplanado e montado o guindaste. Mas esperamos, em breve, trabalhar nela em melhores condições — como é óbvio.

Entrou mais um rapaz para a tipografia: o Laurentino. Escolheu a especialidade de impressão. Uma aposta que faz para se profissiona-

lizar numa arte com garantias de futuro.

VISITAS — Os cicerones continuam com trabalho, pois as visitas aos fins-de-semana são muitas. A nossa Aldeia fica cheia de pessoas curiosas.

Recebemos grupos de jovens: um de Campanhã e outro de Lousada.

DESPORTO — A nossa equipa tem estado activa. Em 15 de Março batemos o Cavadas (Paço de Sousa) por um concludente 4-1.

Dia 22, uma equipa de Lousada, denominada «Luz Verde», foi derrotada com um expressivo 5-2.

Ludgero Paulo

Lar de Coimbra

O fim do 2.º período foi um alívio! O cansaço já era muito. Aliás, o espaço de tempo foi grande, a comparar com o 1.º e 3.º períodos.

Alguém desabafava: — *Eu já não podia mais! Rebentava... Já deitava fumo pelas orelhas...!*

Bem, na tabela tudo foi clarificado sobre o estudo.

Estudar foi a nota dominante do dia-a-dia. Desânimos, incompreensões e, por vezes, o desinteresse por qualquer coisa...

No primeiro ano do Ciclo Preparatório se arrastaram alguns, um pouco inexperientes de tudo. Com o tempo adaptaram-se e as notas lá se seguraram.

No 2.º ano do Ciclo Preparatório as coisas também andaram um pouco aflitas!

O trabalho no 7.º ano unificado foi sistemático, todos os dias. Na pauta surgiram notas positivas.

Não quer dizer que negativas não houvesse, de um ou doutro. Também, a falta de objectivos precisos.

Nas aulas do 8.º ano unificado a coisa andou nas pernas do caracol; mas, como diz o provérbio, «devagar se vai ao longe», houve razoável aproveitamento.

O estudante do 10.º ano, área D, sempre enrascado com a força do trabalho, conseguiu impor-se e arrancar boas notas.

Isto vai subindo conforme o grau do ano que se frequenta. O traba-

lho obriga a trabalho e na área de Economia do 11.º ano, ele orgulha-se das notas boas que tem.

Bem, resta maior entusiasmo, força e criar objectivos precisos. Assim foi a conclusão a que chegámos na reunião de balanço.

Pois que, por aí, os estudantes também tenham bom aproveitamento. É o que desejamos partilhar convosco. Mais força e entusiasmo!

Guido

Miranda do Corvo

FESTA — Estamos no termo do que é Festa, porque Pai Américo nasceu, há 100 anos, e abriu-se ao Amor de Deus.

Festa, porque Pai Américo amou tanto e até ao fim!: Pegou, pela mão aquele que vagueia sem uma cama, um prato de alimento e um abrigo digno de se abrigar.

Festa, porque não foi só Pai Américo, mas aqueles que inquietou a dar-se e a abrir-se ao Amor que seguiu...

Festa, porque há um «Batatinha» que sorri; um doente incurável que tem uma digna morte; uma família que se vê num abrigo desejável.

Festa, porque todos queremos que o seja.

Festa, porque o Hugo, o mais novito, muito alegre, canta forte as

canções que, pelo Centro do País, os «Batatinhas» vão entoar para as pessoas que afluem aos nossos convites, em cada terra já anunciada.

Até lá, continuamos em Festa, pois a nossa roda de ensaios continua...

BATATAS — *Queimaram-se* um pouco com o gelo que se juntou à chuva. Mas, sem desânimo, procurámos tratá-las para uma boa colheita. As sementeiras foram um trabalho cuidado.

FUTEBOL — Este ano muito falaremos nesta palavra ou em desporto, porque iremos jogar a bola com os gaiatos de todas as Casas da Obra da Rua.

Um campeonato à nossa moda e um convívio muitíssimo desejável.

Queremos, para não adormecer o pé, conviver com grupos desportivos que queiram desafiar-nos. Para melhor treinarmos, para um melhor torneio, com um bom futebol!

AGRADECIMENTOS — Agradecemos a amabilidade que a Edmar, de Leiria, correspondeu ao nosso apelo, para calçado de desporto. Sem cerimónia, terá muito uso. Isto é que vai ser! Estalar os ossos e ouvirmos queixas: — *Estou todo partido...! Está quieto, que me dói...!* Que o tal calçado não se gaste depressa!

Muito obrigado.

Guido

O livro «NOTAS DA QUINZENA»

Permanece vivo o interesse dos Leitores pelo livro *Notas da Quinzena* — de Pai Américo — editado recentemente; e por todos os que fazem parte da colecção da nossa Editorial.

Como poderíamos esconder a luz debaixo do alqueire?

Aí vão três breves apontamentos, de outros tantos Leitores.

Assinante 18610:

«Sou vigilante, de profissão. São três horas da manhã. Estou no meu posto de trabalho. Não paro de ler e de contemplar os livros do Padre Américo! Vou, agora, no *Notas da Quinzena* que também me veio ensinar como se deve viver: como irmãos!»

Porto:

«Agradeço o *Notas da Quinzena*. Quanta Doutrina encerra! Fosse ela posta em prática e ficariam solucionados muitos problemas que afligem a Humanidade!

É sempre com sentida emoção que «saboreio» a leitura de cada página. Que Deus me dê Força para transformar em «acto» a «energia potencial» que vou buscar a esta leitura!»

Mais Porto:

«Gosto de ler O GAIATO! Tenho acompanhado o que nele se diz sobre as obras escritas pelo Padre Américo. Gostaria que me enviassem o Cantinho dos Rapazes e o *Notas da Quinzena*. Com certeza gostarei de todos. Tenho cinco filhos e também lhes irá fazer bem lê-los.»

Por fim, à laia de esclarecimento dirigido aos novos Assinantes d'O GAIATO, eis a lista d'obras de Pai Américo com a marca dos nossos prelos:

Pão dos Pobres (quatro volumes), *Obra da Rua*, *Isto é a Casa do Galato* (dois volumes), *Barredo*, *Ovo de Colombo*, *Viagens*, *Doutrina* (três volumes), *Cantinho dos Rapazes* e *Notas da Quinzena*.

Temos mais as seguintes, doutros autores: *A Porta Aberta — Pedagogia do Padre Américo*, métodos e vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; *Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo*, Dr. João Evangelista Loureiro; *O Lodo e as Estrelas*, de Padre Telmo; e o *Calvário*, de Padre Baptista (esgotado).

Júlio Mendes



Salomé e Soraia, filhas do «Eusébio» — que foi da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa.

DOCTRINA



A força destes dizeres
moveu e convenceu,
como ao depois se soube.

● Um cavalheiro, do sul, pede-me, aflito, que dê a mão a uma Sopa de certa localidade, prestes a findar nas mãos da comissão desanimada; e que lhe ensine eu o segredo e o milagre desta. Isto faz-me lembrar aquele outro senhor que me veio pedir compêndios de Colónias de Montanha para fazer sobre elas uma conferência. Como se alguém no mundo seja capaz de ensinar com proveito, se as lições não levarem consigo pegadas do sangue que as realizou! Nem milagre nem segredo nem compêndios.

● Não há no mundo fauna mais actual nem mais ignorada do que o Pobre. A curiosidade e a ousadia de todos os séculos têm levado homens a procurar saber a vida dos pólos e a massa das estrelas; raríssimos, porém, são aqueles que procuram estudar e conhecer a Pobreza na sua origem, nas suas causas, nos seus vícios e nas suas virtudes. E porque tão ignorados, os Pobres são os maiores desconhecidos. A mentira, a embriaguez, o desbragamento, a ingratitude, a imundície são outras tantas pedras que o mundo farto lhes arremessa, escandalizado na sua crítica sempre impiedosa e, muitas vezes, injusta; sem dar conta de que, não raras vezes, sucumbe e cai em faltas muito mais graves quem recebeu educação esmerada, aprendeu a amar a Deus, sabe distinguir o bem do mal, sente o horror do vício e a beleza da virtude. Ah! que na hora derradeira, diante do Tribunal de Deus, a nossa causa há-de ter defesa bem mais difícil do que a dessa gente desdenhada que passa — os maiores desconhecidos.

● Tu mesmo, leitor, que te gabas de muita misericórdia, se não entras seriamente dentro de ti antes de entrares na vida do Pobre, podes mui facilmente cair na presunção e supor que mereces todos os bens que herdaste, todas as honras de que desfrutas — e os Pobres nada. Que estás com todo o direito e com toda a justiça instalado na vida, mirando do peitoril dela as cores do arco-íris — e os Pobres

Cont. na 4.ª pág.

A nossa vida — em Miranda do Corvo — está a ser dominada pelas Festas. A nossa vida e a vida de muitos Amigos. São as nossas Festas. As nossas Festas que enchem o coração e a alma.

Cheguei, há pouco, do ensaio. Estou muito feliz, por tudo o que vi e ouvi. Estamos a celebrar o Centenário de Pai Américo e o programa é-lhe dedicado: «Convívio com Pai Américo e sua família». Convi-ver com ele na casa onde nasceu; na igreja onde foi baptizado; no colégio que frequentou; na loja onde foi empregado. Vê-lo já homem, em África.

Ver o Seminário onde se preparou e a igreja onde foi ordenado Padre; a rua, de Coimbra, onde foi chamado pelo pequenito para ver o pai que estava doente; as casas onde organizou as Colónias de Férias.

Ver as Casas do Gaiato com o seu mundo humano, onde se revela melhor a sua missão de Pai de Família.

Ouvir a sua voz dirigida a todo o mundo para que todas as famílias pobres tenham pão



Cont. da 1.ª pág.

sava-se, no sábado passado, encostando a sua à cara tenra da pequenina: — Ninguém pense em tirar-ma que, se for preciso, eu dou a vida por ela! A adopção cria, por vezes, laços mais fortes que a geração! Carne da nossa carne, sangue do nosso sangue veiculados por um amor puro.

Quando, três dias após ter entregue a criança aos novos pais, visitei a sua casa, a menina, reconhecendo-me ao portão, gritou, fugindo espavorida para a mãe adoptiva: — Não queu, não queu...!, manifestando um medo horrível de voltar de novo ao lugar infernal onde vivera.

A inocente tem inscrita na profundidade do ser a sua dignidade. É a voz da Justiça no que há de mais justo!... Semelhante à Voz de Deus!...

Proclama, assim, ter direito a outra vida. A outro futuro. A outro mundo!... A um mundo livre, liberto e digno.

Ah!... que se eu te contasse a história negra de tantas mulheres, hoje prostitutas, havias de chorar comigo e sentirias no teu coração uma dor terrível e incurável.

Escrevi, há um mês, que a Casa do Gaiato não tem capacidade para ser um banco de urgências, mas tem sido ultimamente. A Isaura anda esgotada. Se não fossem estas

e casa. Para que todos os doentes tenham cama e carinho.

Vamos ter Pai Américo muito presente em todas as Festas!

Padre Horácio

SETÚBAL

8 de Maio, Luisa Tody, SETÚBAL

LISBOA

26 de Abril, 11 h. da manhã, Cinema IMPÉRIO. Bilhetes à venda: Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, tel. 361406; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c-Dto., tel. 666333; Maison Louvre, Rossio, 106, tel. 328619; Montepio Geral, R. do Carmo, 62-2.º, tel. 372162; Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13, tel. 861939.

16 de Maio, 15 h., Salão dos Bombeiros V. LOURES

Mulheres (com M grande) que fazemos nós?!

Eu trouxe comigo as outras duas crianças. Era um crime deixá-las lá!... Nós vivemos numa época de crimes. Crimes de omissão.

O mais velho, de 13 anos, nunca andou na escola. Agora é tarde. Viveu a pedir. Hoje começa a roubar. Não quer a Casa do Gaiato. A rua fascina-o. Amanhã será criminoso? O crime das tuas esmolas na rua! O crime da tua incoerência — se tens fé e não te dás.

Não quis trazer mais este, abusando da capacidade da Isaura.

É uma menina de quatro anos, chama-se Vera Lúcia; e um menino de sete: Nuno Ricardo. Lindos como as estrelas do Céu!

No nosso ambiente têm-se revelado alegres, felizes e inteligentes. Amam-se e apoiam-se mutuamente como a única riqueza que possuem. São um tesouro recíproco.

Não os posso separar. Não devo. Ninguém faça isso!

Dou-os a um casal que os acolha na sua paternidade.

Dirás que a avançada idade torna problemático o aperfeiçoamento e ambientação. Neste caso, não. Os dois irmãos ajudam-se até na conquista do seu habitat afectivo. A minha experiência de vários casos confirma-o abundantemente.

Eu quero um casal com menos de quarenta anos. As crianças precisam de pais. Não de avós.

Se conheceres algum, não sossegues enquanto não o contactares. Faz tua a minha dor. Põe-lhe os argumentos que a tua fé e o teu amor suscitarem.

O telefone desta Casa do Gaiato de Setúbal é 22745 e 23054.

Padre Acílio

FESTAS

24 de Maio, 15 h., no Salão dos Bombeiros V. de TORRES VEDRAS

CENTRO DO PAÍS

1 de Maio, no Salão dos Bombeiros, MIRANDA DO CORVO.

2 de Maio, COIMBRA, Teatro Gil Vicente, à tarde e à noite.

3 de Maio, no Casino da FIGUEIRA DA FOZ.

8 de Maio, Cinema Gardunha, FUNDÃO.

9 de Maio, à tarde e à noite, Cine-Centro da COVILHA.

10 de Maio, Escola Secundária de CASTELO BRANCO.

14 de Maio, Cine-Teatro Lúcio da Silva, LEIRIA.

16 de Maio, em MIRA.

20 de Maio, Teatro de ANADIA.

22 de Maio, Cine-Teatro de TOMAR.

23 de Maio, Cinema Messias, MEALHADA.

29 de Maio, Cine-Teatro Império, LOUSA.

30 de Maio, Salão dos Bombeiros, em CANTANHEDE.

31 de Maio, Teatro Alves Coelho, ARGANIL.

EDUCAR

ao sentido da responsabilidade na Obra do Padre Américo

Com este título, as Edições Salesianas vão publicar um trabalho académico do Dr. Manuel Durães Barbosa, da Congregação do Espírito Santo.

Como veremos da «Breve Apresentação» que a seguir se transcreve, trata-se de mais uma reflexão sobre Pai Américo-Pedagogo, agora dada à luz com a intenção de homenagem no seu Centenário.

«A ideia do nosso trabalho Educar ao sentido de responsabilidade na Casa do Gaiato, agora revisto e actualizado, prende-se com o facto de, em curso de Ciências da Educação, ter necessidade de apresentar um trabalho sobre pedagogia de renome ou experiência pedagógica de verdadeiro valor.

Houve um certo tempo de hesitação. Estava em terra estrangeira. Seria necessário recolher bastantes informações. A escolha iria condicionar, sem dúvida, o tipo de trabalho a apresentar.

Desejoso de conhecer os valores portugueses, imediatamente pensei na experiência do Padre Américo e, em concreto, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. De facto, ainda como estudante de Fraião, em Braga, a visitara de relance,

num dos habituais passeios anuais.

Apresentei a minha ideia e planos ao professor, então encarregado de me orientar no estudo, e fui apoiado. A escolha estava feita, mas teria, esta era uma das condições, de viver duas ou três semanas com os gaiatos, o que realmente cheguei a fazer.

Esta a origem do trabalho. Foi apresentado em 1971. Entretanto passaram-se diversos anos!

Dado ocorrer, no próximo dia 23 de Outubro de 1987, o Centenário do nascimento do Padre Américo, queria, com esta publicação, prestar uma homenagem muito sincera ao talento pedagógico e homem de Igreja — Padre Américo. Por outro lado, englobar nesta mesma homenagem todos os seus colaboradores — os Pais da Rua.»

A Pedagogia é o aspecto que, em Pai Américo, mais estudos tem despertado. Quem dera outros especialistas se debruçassem sobre facetas diversas do seu Dom, nomeadamente a de artista da língua portuguesa e a de doutrinador, ao mesmo tempo social e místico.

Padre Carlos

«Cada freguesia cuide dos seus Pobres»

Não é mais um slogan embora se preste a sê-lo — e é bom que o seja!

Trata-se do enunciado de uma sabedoria de acção baseada nos valores evangélicos da «pequenez» que actua como o fermento na massa e é capaz de grandes transformações.

No campo do social, o Evangelho é uma fonte preciosa do «saber como» que o mundo fabril costuma aprender das tecnologias mais avançadas.

DOCTRINA

Cont. da 3.ª pág.

nada. Que tens cumprido a tua missão no mundo, lendo horas de piedade em tua casa e fazendo mesuras aos santos nas igrejas — e os Pobres nada. De joelhos, diante de ti que me escutas, em nome dos Grandes Desconhecidos, peço para Eles misericórdia e clemência. Para chegar a conhecer bem os Pobres, tive primeiro de me tornar conhecido deles, participante das suas lágrimas, desejoso da sua penúria.

● Se tu soubesses que, muitas vezes, o Pobre vai à taberna beber para matar a fome! Que para conseguir abrir a tua mão, vê-se obrigado a mentir! Que por não ter roupas de vestir, descuida o asseio próprio! Se tu soubesses ainda do tempo que os obrigas a perder no «venha cá logo» de todos os dias; na bicha dos curativos; na demora das jornas caídas; na entrada para os hospitais, asilos e sanatórios — casas feitas para eles! Se tu conhecesses a vida do Pobre como ela é por dentro, haviás de ser mais justo do que os fariseus do Evangelho; e jamais atravas pedras aos Desconhecidos!

● Senhor cavalheiro do sul, mande (este apontamento) às senhoras da comissão da Sopa prestes a findar; e diga-lhes de meu mando que, se alguma vez alguém lança as mãos ao arado com empenho de ser discípulo de Jesus, não pode olhar para trás. Que, se começaram a edificar, não podem deixar agora a obra em meio, com sério risco de cair na censura de quem passa, notando que começaram e não souberam acabar. E, sobretudo, que não deixem no coração do Pobre o doloroso desabafo de que «se tão cedo nos haviam de tirar a Sopa melhor fora nunca no-la terem dado»!

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* - 1.ª vol.)

Nas realizações da Justiça, «técnico é aquele que ama» — dizia Pai Américo. E quem ensina a amar como o Evangelho?! Por isso, Pai Américo O escolheu como seu Livro de Horas e Código Constitucional de toda a sua acção.

Assim o entenderam, também, os Párocos, da cidade do Porto que decidiram, em sua assembleia, tomar esta palavra como mote do programa celebrativo do Centenário de Pai Américo e o endossaram aos seus paroquianos, chamando-os a uma mais activa e eficiente solidariedade com os Pobres.

No «desdobrável» distribuído em todas as Igrejas Paroquiais e Capelas da cidade no primeiro domingo da Quaresma (em que a homilia das Missas desenvolveu o mesmo assunto) foi evocado este passo da recente Nota Pastoral dos nossos Bispos:

«Estamos longe de ver solucionados os problemas sociais e debeladas as situações de miséria. Nalguns casos mesmo — sirva de exemplo a marginalidade juvenil — o agravamento é manifesto.

A solução não está apenas nas leis, nem na denúncia verbal, nem na elaboração cada vez mais cuidada e científica do diagnóstico social e das causas dos problemas. A tudo isto faltará o principal, se faltar a acção persistente e organizada, inspirada e alimen-

tada pelo amor evangélico, se faltarem gestos de compromisso com a causa sagrada dos mais pobres.»

E conclui a Assembleia dos Párocos:

«Fazendo sua esta palavra dos Bispos portugueses e, num esforço de fidelidade ao espírito daquele que descobriu a face (des)humana do Barredo e da Zona Ribeirinha do Porto, as Comunidades Cristãs desta cidade querem assumir responsabilmente o Centenário de Pai Américo com um compromisso e orientação no serviço dos Pobres. Assim,

— Cada Paróquia acolherá os Pobres residentes na sua área, acolhimento que poderá ser feito pelo Centro Social, pelas Conferências Vicentinas ou por outro organismo.

— Na sua acção sócio-caritativa e recorrendo particularmente a joyens voluntários, os cristãos privilegiarão:

As condições de habitação dos Pobres e, como resposta ao Ano Internacional dos sem tecto, tentarão acções de renovação de casas degradadas.

As crianças mais carecidas, em favor das quais tentarão organizar ou apoiar a realização de Colónias de Férias.»

Eis um programa defendido da tentação do espectacular e do efémero, proposto à capa-



No programa celebrativo do Centenário de Pai Américo, os Párocos da cidade do Porto decidiram motivar os paroquianos a uma activa e eficiente solidariedade com os Pobres.

cidade de realização das comunidades e em que todo o esforço a empreender converge para acções concretas em favor dos Pobres.

Sobretudo se espera que do acolhimento a funcionar em cada paróquia e do conhecimento mais profundo da realidade social em cada uma delas, se passe à «acção persistente e organizada» que os

Bispos recomendam e que vinculará a fraternidade entre todos os membros da família paroquial.

Eis um programa que, com certeza, agradecerá a Pai Américo. Bem como o acto prévio de preparação que os padres da cidade quiseram fosse uma manhã de reflexão sobre o seu pensamento.

Padre Carlos

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

Pensamos que os nossos amigos Vicentinos, e outros, têm aqui longo campo de trabalho para concretizarem a sua vocação específica, contribuindo com a sua presença e o seu bafo humano para que a solidão e os sofrimentos se esbatam ou diminuam. Consolar os tristes e enxugar as lágrimas dos que choram são obras de misericórdia indispensáveis na vida dos que acreditam n'Aquele que passou no mundo fazendo o Bem. E isto não se decreta por disposições legais, pois flui do Amor de Deus. «A Caridade é paciente, a Caridade não se ufana, não se ensoberbece, não é inconveniente, não procura o seu interesse, não se irrita, não suspeita mal, não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.» (1.ª Cor. XIII, 4-7)

«Eu quero que os senhores me digam de que vale ao homem a vida, se ele a leva a cuidar de si sem jamais se importar ou reparar nas necessidades dos Outros», escreveu Pai Américo. Como Ele, que

tudo deu a favor dos mais esquecidos ou abandonados, passando ao lado dos que muito sabem e falam, nada fazendo, demos o melhor de nós mesmos ao serviço dos nossos Irmãos. O resto é conversa...

■ Acabamos de adquirir uma máquina off-set para a nossa tipografia, cujo custo orçou pelos sete milhões de escudos! A vida das Casas do Gaiato é um mistério e os nossos Amigos peças essenciais de todo o processo.

■ Começaram a sair as primeiras medalhas alusivas ao Centenário de Pai Américo. Os Amigos que as desejarem deverão contactar as Casas do Gaiato da sua zona. A edição é limitada, havendo medalhas grandes e pequenas.

A «Logomédia», cooperativa ao nível eclesial, está prestes a terminar um diaporama sobre a vida e a acção de Pai Américo, com a finalidade de tornar conhecida a sua mensagem — de uma actualidade gritante.

Padre Luiz

Cartas

■ Quem não se cansa? Quem não está sujeito a desanimar? Quem há que, passando a vida fazendo o bem, não diga às vezes: — Vale a pena? É verdade que, por vezes, queremos servir e amar e cansamo-nos. Apetece-nos fugir e deixar tudo. Mas o nosso lugar... é o nosso caminho. Vamos ler esta carta que chegou nesta quinzena:

«Quando queremos amar, às vezes cansamo-nos, quando não devia existir o cansaço de amar o Próximo como a nós mesmos. É difícil pôr o Amor em prática. Mas quando temos confiança no Senhor, Ele tudo transforma em nós. Como lhe estou grata...! O que eu pensava que não era capaz de fazer, foi precisamente aquilo que eu fiz, graças a Deus.»

Vale como testemunho vivo. Quanto bem podemos fazer!?

■ Não resisti à tentação! Não digo quem é. Deste modo, sabemos guardar silêncio. Mas a luz coloca-se em cima do alqueire para iluminar. Precisamos mais de testemunhos do que de mestres. De quem viu e fala do que viu:

«(...) Lamento, mas não me é fácil desapegar de um bem

material. Não, não me é fácil. É algo que trago agarrado a mim, desde o meu início. Tenho imensa dificuldade em dar. Tremenda! Adio sempre. Para receber estou sempre pronto. Dar... E eu gostaria de o fazer, de o saber fazer. E se algo podem fazer por mim será rezar ao Bom Deus que me torne mais disponível, mais franco, mais autêntico, mais presente junto dos que tudo precisam!

(...) Não sei pedir outra coisa (em troca), tão devedor que sou. É difícil este caminhar no sentido do desapego real, no coração, do mundo e sua sedução. É! A vida a correr leva-me a esquecer e somente me preocupo com o trabalho, com o ter trabalho, com o ganhar dinheiro. Procuo que seja sempre com honestidade. E penso que sim. Mas, sei que não posso servir a dois senhores. Reze por mim para que saiba estar disponível para o único verdadeiro Senhor! Disponha para que eu possa ser útil.»

Como somos pequeninos! Obrigado.

Padre Manuel António

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
 Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel